



O lugar dos vivos e dos mortos: etnografia da memória e do afeto no Cemitério do Gavião, em São Luís do Maranhão

The place of the living and the dead: ethnography of memory and affection in the Gavião Cemetery, in São Luís do Maranhão

Felipe Magno Silva Pires¹

PPGAS-IFCHS-UFAM

felipe.pires@ifam.edu.br – <https://orcid.org/0000-0001-8168-9089>

Resumo

O artigo busca evidenciar as relações entre os vivos e os mortos no Cemitério do Gavião, em São Luís do Maranhão, por meio das memórias de um grupo de sete amigos homens que cresceu na década de 1990, com ênfase na antropologia das emoções de David Le Breton e Mauro Koury. A pesquisa é de cunho antropológico, sob a perspectiva interpretativa de Clifford Geertz. O Cemitério do Gavião era um espaço onde os jovens dos bairros próximos se reuniam para empinar pipas, brincar de pique-esconde e tomar banho no tanque de água para uso dos coveiros, mas sem esquecer de pedir licença aos mortos e evitar os túmulos cujos donos não lidavam bem com a presença dos vivos. Os resultados dão conta de que o Cemitério do Gavião permanece na memória de sete adultos como lugar de afetos tecidos ao longo da infância, cujos mortos são partes dessa teia de relações.

Palavras-chave: Cemitério do Gavião; Antropologia das emoções; Memória; Relações entre os vivos e os mortos.

Abstract

The article seeks to highlight the relationships between the living and the dead at the Gavião Cemetery in São Luís, Maranhão, through the memories of a group of seven male friends who grew up in the 1990s, with an emphasis on the anthropology of emotions by David Le Breton and Mauro Koury. The research is anthropological in nature, from the interpretive perspective of Clifford Geertz. The Gavião Cemetery was a space where young people from nearby neighborhoods gathered to fly kites, play hide-and-seek, and bathe in the water tank used by the gravediggers, while always remembering to ask permission from the dead and avoid tombs whose owners did not cope well with the presence of the living. The results show that the Gavião Cemetery remains in the memory of these seven adults as a place of affections woven throughout childhood, where the dead are part of this web of relationships.

Keywords: Gavião Cemetery; Anthropology of emotions; Memory; Relationships between the living and the dead.

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas.

© *Caderno 4 Campos*. PPGA/IFCH/UFPA – Belém/PA. Volume 09, Número II, e922504. ago./dez. 2025. Dossiê "Antropologias e Arqueologias do Extraordinário: interagências de encantados, visagens e alteridades outras-que-humanas". <https://periodicos.ufpa.br/index.php/caderno4campos/index>.

1. INTRODUÇÃO

O afeto, nem sempre, é uma questão de consanguinidade. Nossas relações são tecidas independentemente do espaço onde são dadas. Às vezes, as lembranças mais doces de nossas vidas existem em lugares que a maioria das pessoas procura evitar. Para um grupo de sete amigos homens que viveu toda a infância e a vida adulta no Lira, bairro periférico de São Luís do Maranhão, o Cemitério do Gavião, em frente às nossas casas, foi o seu parque de diversões. Brincar entre os túmulos, para nós — porque também me incluo na pesquisa —, era tão natural quanto se divertir em espaços formais. Geralmente ocupávamos aquele lugar lá pelo meio da tarde, pois todos estudávamos pela manhã. Brincar de “polícia e ladrão”² e empinar pipas eram nossas principais atividades. No fim da tarde, costumávamos descansar em cima dos túmulos que ficavam embaixo da amendoeira, enquanto nos alimentávamos de seus frutos. Antes de retornarmos para casa, tínhamos o costume de tomar banho no grande tanque de água que os coveiros utilizavam para fazer o cimento das sepulturas. Era a nossa piscina.

Brincar no cemitério era mais seguro que brincar na rua. A gente só precisava tomar cuidado com as “lagartas de fogo”³ que viviam em algumas árvores. Ser tocado por uma delas era garantia de queimadura. Pedir licença aos mortos, antes de subir em seus túmulos, era dever dos vivos. Um dos moradores mais velhos do bairro teve uma experiência ruim em uma das sepulturas do Cemitério do Gavião. Ele subiu no túmulo para empinar pipa sem pedir licença, o que lhe acarretou problemas que o levaram a não sair de casa durante muitos meses. Desde então, essa sepultura é evitada.

Os ritos sempre foram partes fundamentais da nossa relação com o Cemitério do Gavião, pois eram formas de demonstrar respeito ao mundo dos mortos. Quando pedíamos licença aos donos das sepulturas, era como se estivéssemos seguros. Não tinha a ver com um processo mental, era algo mais específico, uma vez que “[...] somente através das crenças e comportamentos que o efeito completo é alcançado” (Stein; Stein, 2023, p. 138). A gente estava ritualmente protegido porque acreditava naquilo.

O único momento em que a gente não queria entrar no cemitério era à noite, mas nem sempre era possível. Geralmente jogávamos futebol até tarde na rua, sem conseguir evitar que a bola caísse no cemitério. Recuperar a bola era um problema para nós, pois ninguém queria ir. O jeito era tirar “zerinho ou um”⁴. A turma erguia o “felizardo” para escalar o muro. A estratégia era localizar a bola antes para recuperá-la o mais rápido possível. A gente jogava a bola de volta para a rua e precisava subir em uma das sepulturas próximas ao muro para retornar ao jogo de futebol. A sensação era sempre de adrenalina, mas também era um atestado de coragem.

Esta pesquisa tem como foco principal trazer à tona as minhas memórias e as memórias de seis amigos (Bacana, Jean, Sandro, Iron, Tarcísio e Tiago) a respeito de

² Brincadeira popular entre os jovens na década de 90, que consistia em capturar os membros de outros times, enquanto corriam pelo cemitério. Pique-esconde, em outras partes do Brasil.

³ *Megalopyge lanata* (nome científico).

⁴ Jogo de decisão popular, especialmente entre crianças, onde os participantes escolhem entre zero ou um (dedos) e o vencedor é quem escolhe diferente da maioria. No nosso caso, quem escolhia diferente era o perdedor.

nossas vivências dentro do mais famoso cemitério de São Luís do Maranhão, naquele que, sob a perspectiva de Magnani (2023), era o nosso “pedaço”⁵. A antropologia interpretativa de Geertz (1997) é a mais adequada ao se realizar uma incursão entre um grupo de amigos com os quais compartilhei a minha juventude e uma grande parte da vida adulta, antes de me mudar para outro estado. “Indagando-se qual a melhor maneira de conduzir uma análise, [...] em vez de inquirir que tipo de constituição psíquica é essencial para antropólogos, torna-se o significado de ‘ver as coisas do ponto de vista do nativo’ menos misterioso” (Geertz, 1997, p. 88). É sob a perspectiva geertziana que a etnografia foi construída.

Ainda que eu seja um “nativo”, parto do princípio de que cada sentimento em relação a um lugar é pessoal. As pessoas imprimem significados diferentes, como ficarão evidentes nas vozes dos interlocutores. Para alguns de nós, além de local de lazer, o cemitério foi também alimento para o corpo e nosso primeiro local de trabalho, sobretudo no Dia de Finados⁶. Vivências que levaram quase 38 anos para serem discutidas.

Este artigo é fruto de uma pesquisa que foi realizada durante a minha vida inteira, chegando ao seu final na última vez em que visitei São Luís, entre novembro e dezembro de 2022, quando eu resolvi perguntar, durante uma confraternização de final de ano, quais eram as lembranças dos meus amigos a respeito do cemitério. A conversa durou uma boa parte da noite, regrada por cerveja, churrasco e muitas gargalhadas. O bloco de notas do meu celular foi o meu caderno de campo.

Para a discussão do problema da pesquisa, foi utilizada a antropologia das emoções de Koury (2018) e Le Breton (2019, p. 192-193), pois “[...] não é possível compreender o movimento complexo da emoção sem colocá-la em estreita relação [...] com a forma segundo a qual ela se mistura à trama social e à cultura afetiva o próprio afeto”. O afeto, tão presente nas discussões de Koury, é a palavra que mais define a forma como nos referimos ao Cemitério do Gavião.

Também insiro na pesquisa a antropologia urbana, trazendo discussões teóricas de alguns de seus principais expoentes, como José Guilherme Cantor Magnani, Ana Luiza Carvalho, Cornelia Eckert e Ulf Hannerz, uma vez que o Cemitério do Gavião se encontra numa região de maior trânsito de pessoas em São Luís do Maranhão, além de se tratar do principal lugar público para sepultamento na cidade. Magnani (1996, p. 38) explica que “a primeira tarefa para uma pesquisa antropológica cujo objeto é construído por práticas [...] em espaços de múltiplos usos [...] é delimitar as unidades significativas para observação e análise [...]”. Pesquisas em condições citadinas precisam de outros tipos de arranjos.

A intenção secundária deste artigo, onde é possível observar também a relevância de pesquisas desta natureza, é desmistificar o lugar dos mortos, alternando a percepção popular de que esse é um ambiente a ser evitado, uma vez que o processo de secularização, fortalecido por movimentos higienistas, afastou as pessoas desses lugares. Na Idade

⁵ José Guilherme Cantor Magnani, antropólogo brasileiro, explica que o “pedaço” é um lugar onde um grupo de pessoas costuma frequentar e identificar como “seu”, um lugar de encontro e sociabilidade.

⁶ Feriado nacional dedicado aos mortos, celebrado no dia 2 de novembro.

Média, a relação com os mortos era um processo muito mais natural, como pode ser notado nos estudos de Ariès (2014), Petruski (2006) e Rezende (2000). O cemitério é um lugar passivo de muitas outras relações.

Este artigo foi construído em três partes: na primeira, foi apresentado um breve histórico do Cemitério do Gavião, com ênfase nos motivos que levaram à sua construção; na segunda parte, foi traçado o cenário do bairro do Lira, com foco na Rua João Ribeiro, onde ainda vivem cinco dos sete amigos que fizeram parte da pesquisa; na terceira parte, apresentamos as memórias dos interlocutores em relação a um lugar que pertence tanto aos mortos quanto aos vivos. Um lugar que dimensiona emoções e sentimentos individuais.

2. O LUGAR DAS PESSOAS E DOS AFETOS: O CEMITÉRIO DO GAVIÃO

2.1 O Cemitério do Gavião

No dia 6 de setembro de 1855, o Cemitério do Gavião foi inaugurado em frente à Rua do Passeio, no bairro Quinta do Gavião, de onde é desinente o seu nome, em um período em que a sociedade enfrentava uma epidemia de varíola. O surto epidêmico levou as autoridades a repensar os protocolos de saúde e higiene, sendo uma das principais alternativas a criação de um cemitério em uma zona periférica de São Luís, sobretudo por causa das pressões realizadas pela elite ludovicense, cuja justificativa era de que os demais espaços que serviam para sepultamentos, como o terreno da Santa Casa de Misericórdia, ficavam próximos às zonas de maior densidade populacional da cidade, o que trazia riscos à saúde (Coe, 2008a). “Historiadores remetem ao caráter de urgência [...] da inauguração do Cemitério do Gavião, pois devido ao surto de varíola que assolou a capital maranhense em meados do século XIX, os demais cemitérios encontravam-se superlotados” (Viana, 2021, p. 71).

Em razão das inúmeras mudanças sanitárias e das incessantes pressões das classes mais altas da sociedade, “[...] tornou-se mais visível [...] a ‘laicização’ dos enterros e o [...] advento dos cemitérios longe das igrejas, distante do ambiente urbano. A secularização da morte vai se delineando de forma [...] finda a prática de enterramento nas igrejas locais” (Coe, 2008b, p. 5).

Com mais de 16 mil sepulturas espalhadas de forma irregular pelo terreno de 50 mil m², dividido em 16 seções entre ruas e quadras (Viana, 2021), o Cemitério do Gavião se consolidou como o mais importante e histórico de São Luís; localizado entre os bairros da Madre Deus, o mais cultural da cidade, e o Lira, onde fica a Rua João Ribeiro, a primeira assim que o muro frontal do cemitério termina, à esquerda de quem vem da Rua do Passeio.



Imagem 1 – Vista aérea do Cemitério do Gavião. Na parte de baixo da imagem, a Rua João Ribeiro.
Foto: Ruy Barros (2024).

Para todos verem: A imagem apresenta uma fotografia aérea vertical (visão de satélite) do Cemitério do Gavião, em São Luís, Maranhão. O cemitério ocupa a maior parte do lado direito e central da foto, caracterizando-se por uma densa e vasta concentração de túmulos e sepulturas brancas e cinzas, organizadas de forma contígua, que contrastam com o entorno.

Da janela do meu quarto, no segundo andar de um sobrado de frente para a rua, testemunhei brigas e discussões de familiares no enterro de um pai, casais héteros e homoafetivos tendo relações sexuais, grupos de usuários de maconha e góticos, furtos de cruzes de ferro e até a descoberta de um homem em situação de rua que havia desaparecido, mas que, na verdade, estava morando em uma sepultura desocupada. Mas essas são apenas as minhas lembranças; a proposta não é contar essa história apenas pela minha perspectiva.

2.2 65026-010: Rua João Ribeiro, Lira

Na década de 90, muitos dos bairros de São Luís tinham suas próprias gangues, o que não era diferente no Lira. Era comum a visita da polícia ao bairro, sobretudo fazendo varreduras no Cemitério do Gavião em busca de algum vândalo. Quando a polícia chegava, a turma escalava o muro e fugia para a rua a caminho de suas casas. Muitos dos membros das gangues tinham o costume de fumar diamba⁷ em cima dos túmulos, enquanto tramavam invasões e depredações em bairros habitados por gangues rivais. Todos queriam ser como a "Gangue da Bota Preta", a mais famosa da capital. O nome da gangue do nosso bairro era "Rebeldes do Lira".

⁷ Assim é conhecida a maconha no Maranhão.

Hannerz (2015) apresenta uma discussão interessante sobre pequenas sociedades formadas por gangues, cujos laços são muito menos sólidos que outras sociedades fundadas por um genuíno sentimento de amizade. A amizade por gangues se funda pelo conflito, pelo interesse pela violência, que declina de acordo com o envelhecimento, o que não solidifica a relação. Este trabalho também poderia ser construído por esta perspectiva, mas aí não poderíamos falar no sentido das emoções. A amizade do grupo fundada na Rua João Ribeiro e consolidada no Cemitério do Gavião permanece sólida.

Embora não fosse de gangue, um amigo conhecido pela alcunha de Bemba Maluco quase sempre era enquadrado pela Polícia Militar, porque ele sempre estava fumando cigarro sentado no batente à porta de sua casa. Quando as autoridades desciam a rua, ele já se preparava para tomar um baculejo⁸. Por isso nossos pais não gostavam muito de a gente brincar dentro do cemitério.

“Não quero que meu filho seja confundido com um marginal”, era o que a minha mãe sempre dizia, mas não tinha jeito: era o cemitério ou tomar banho de mar em um bairro próximo ao Lira, o que era até mais perigoso. Eram as gangues, as drogas ou morrer afogado. Àquela época não tínhamos opção de lazer, pois a praça era precária. Mesmo relutantes, nossos pais sabiam que a melhor opção era ficar perto de casa. Aos poucos, o cemitério foi se tornando o nosso *playground*.

Poucos sabem que a Rua João Ribeiro tem, ainda hoje, um pequeno portão de acesso ao Cemitério do Gavião. A entrada principal permanece na Rua do Passeio, em frente à Praça da Saudade, que leva diretamente para a capela São José, onde os corpos permanecem para um último rito fúnebre até seguir para o local do descanso eterno. Era muito comum os moradores do bairro do Lira seguirem por dentro do cemitério até a Praça da Saudade. Muitas vezes minha mãe me perguntava: “Vamos por dentro ou por fora?”. Eu sempre escolhia a rua do cemitério. Às vezes, a gente aproveitava para visitar o túmulo de algum parente ou amigo. Eu sabia de cor todas as sepulturas deles. A morte sempre foi muito presente na vida do povo da João Ribeiro.

“Seria muito bom se o lugar de recordação dos mortos fosse [...] planejado como um parque para os vivos. Essa é a imagem que os jardineiros do cemitério gostariam [...] – ‘uma ilha silenciosa, verde e em flor em meio ao ruído frenético da vida cotidiana [...]’” (Elias, 2001, p. 39). Para nós, o Cemitério do Gavião representava exatamente isso: um lugar de passeio e uma via de acesso tranquila em meio ao mundo dos vivos.

Por se tratar de um bairro periférico, muitos jovens, como já mencionado, se envolveram com a criminalidade. Uma parte dos meus amigos de infância teve mortes trágicas, pessoas que poderiam falar de suas memórias com o Cemitério do Gavião de outra maneira. Cinco foram assassinados por traficantes rivais, um morreu de problemas acarretados por drogas e o outro morreu ainda na infância, no dia 2 de outubro de 2000, por causa de um tumor cerebral. De repente, ele começou a sentir fortes dores de cabeça, foi internado e faleceu. Tudo aconteceu muito rapidamente. Meus outros amigos

⁸ Ser revistado pela polícia.

morreram nos primeiros anos da minha vida adulta, mas Rafael morreu quando eu tinha 13 anos de idade. Nós dois nascemos em 1987.

Dois anos antes da morte de Rafael, minha primeira experiência com a perda de alguém foi com a minha tia Maria do Socorro (Coya), que tinha 40 anos quando veio a óbito, em 1998, em decorrência de um câncer. Sua morte pegou a família de surpresa, pois ninguém sabia de sua doença. A morte dela foi muito impactante para mim, mas a perda de um amigo com a minha mesma idade me fez perceber que a morte não era infortúnio exclusivo de pessoas mais velhas. O peso de perder um dos meus melhores amigos me atingiu de uma forma diferente. O componente não era apenas o luto, mas também o medo.

Desde muito pequenos, eu e Rafael éramos muito unidos. Quase todo final de tarde ele passava lá em casa, puxando um carrinho de compras de alumínio para me convidar a acompanhá-lo até a Padaria Pinga Fogo, onde o pai dele trabalhava, duas ruas após a nossa. No início, eu o acompanhava por interesse, confesso, pois o pai dele sempre nos dava pão doce para comer, mas aos poucos a nossa amizade foi se fortalecendo. Eu sempre o esperava para nos juntarmos aos nossos outros amigos para empinar pipa no cemitério. Mas, de repente, tudo isso foi desfeito.

Lembro de ter chegado um dia da escola e receber a notícia de minha mãe de que ele tinha falecido. Passei dias trancado no quarto, triste. Eu não tive coragem de ir ao seu enterro. Hoje eu penso que eu deveria tê-lo honrado em seu último momento conosco. A maioria dos nossos amigos foi prestar-lhe as últimas homenagens. Rafael, diferentemente da maioria dos mortos da João Ribeiro, não foi sepultado no Cemitério do Gavião. Hoje ainda carrego o sentimento de que eu devia ter me despedido do meu amigo. Noguera (2022, p. 82) explica que “a ausência [...] de ritual após a morte atrapalha o processo do luto [...]. É algo [...] importante para que possamos ressignificar os caminhos vindouros. A mensagem que fica é simples: despeça-se de quem partiu e viva [...] o ritual de adeus”.

É claro que a vida continuou da mesma maneira, pois a morte, para mim, naquela época, não era um processo de ruptura, mas de continuidade. Mesmo brincando no Cemitério do Gavião, eu e meus amigos tínhamos um pacto não verbal de não mencionar o nome de Rafael, para que ele não se sentisse desprestigiado. Era uma forma silenciosa de honrar nossa amizade. Queríamos que ele se sentisse livre, não impedido de brincar com a gente. Durante anos, o nome dele se tornou um tabu.

“A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida: quanto mais o morto for próximo, [...] mais violenta é a dor; nenhuma ou quase nenhuma perturbação se morre um ser anônimo [...]” (Morin, 1997, p. 32). Para nós, os mortos eram os outros, não “os nossos”, como Rafael, que interrompeu sua vida antes mesmo de entender o que é viver, antes de realizar qualquer um de seus planos.

Mesmo hoje, sempre que nos reencontramos, relembramos os amigos que partiram: Curió, Flau, Fabinho, Chora-no-Bingo, Zonô, dentre outros que se foram antes do tempo, em uma época em que a gente já entendia o que significava morrer de fato. Ziegler (1977,

p. 227) explica que “os mortos continuam a agir para além da morte. Os cadáveres se dissolvem, mas as obras que eles criaram, as instituições que animaram, as ideias que lançaram ao mundo, os afetos que suscitaron continuam a agir e a fermentar”. Todos os nossos amigos estão ligados a nós pela memória e pelo afeto, por laços que foram tecidos desde a infância, entre a Rua João Ribeiro e o Cemitério do Gavião, independentemente de estarem vivos ou mortos.

2.3 Memória e afeto no Cemitério do Gavião

Memória e afeto são aspectos que se imiscuem ao longo das trajetórias humanas. Quando se busca analisar o significado de um espaço para um grupo de amigos que se conhece desde a infância, como é o caso do Cemitério do Gavião, as lembranças pessoais são externadas e unidas para dar conformidade e sentido a um lugar. Para a maioria das pessoas, pode parecer um lugar macabro, que deve ser evitado, mas para nós é um lugar que compõe um dos fios da nossa existência, com impactos significativos para a minha formação como pesquisador.

Quando criança, ouvia minha avó contar para mim e para meus primos uma história macabra sobre o Cemitério do Gavião. Ela dizia que conhecia uma mulher curiosa, que morava a duas casas da casa dela, que um dia, de madrugada, ouviu um burburinho na rua e resolveu se levantar para saber o que estava acontecendo. Ela observou pela fresta da janela e notou algumas pessoas segurando velas e subindo a rua, como se estivessem em uma procissão religiosa. Não satisfeita, a mulher abriu a janela e resolveu perguntar a uma das pessoas o significado daquilo. “A senhora quer saber?”, perguntou um homem. Ela fez que sim com a cabeça. Então ele entregou a ela uma vela grande e pediu que ela guardasse. Não demorou muito, a procissão desapareceu na parte alta da rua. Na manhã seguinte, quando a mulher se levantou e olhou para o pequeno armário que tinha ao lado de sua cama, percebeu um objeto estranho descansando sobre ele: era o braço de um esqueleto humano. Seu grito de horror foi ouvido em toda a Rua João Ribeiro e, até o dia da sua morte, a janela de sua casa nunca mais foi aberta.

Delumeau (2009) dedicou um livro inteiro sobre a construção do medo ao longo da história ocidental — desde o medo do mar, para coibir as grandes navegações, até os medos impostos pelos religiosos, que forçavam uma vida regrada e sem excessos para aqueles que quisessem escapar do inferno. Entendo que o medo sempre foi uma forma de controle, fundamental para o processo de civilização. A Revolução Industrial foi o caráter externo, mas o interno foi o medo, imposto em cada um dos indivíduos com o intuito de manter a sociedade organizada, ainda que alguns escapem a essa normatividade. As histórias contadas por minha avó tinham essa função, mas não foram suficientes para me afastar do Cemitério do Gavião. Assim como também não coibiram a ação das marocas⁹ da rua — câmeras de vigilância modelo antigo, como eu e meus amigos costumamos nos referir a elas, que funcionam à base de energia humana, cujo risco é

⁹ Mulheres que acompanham e sabem tudo que acontece na rua. Pessoa curiosa, que fica na janela.

© *Caderno 4 Campos*. PPGA/IFCH/UFPA – Belém/PA. Volume 09, Número II, e922504. ago./dez. 2025. Dossiê “Antropologias e Arqueologias do Extraordinário: interagências de encantados, visagens e alteridades outras-que-humanas”. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/caderno4campos/index>.

esquecer o arroz queimando no fogão para não perder um lance sequer da vida da rua. Mas não é hora de falar sobre essas pessoas.

Tive a oportunidade de conhecer muitos lugares, mas sempre que chego a São Luís, quando ouço o piloto do avião dizer que “dentro de 15 minutos estaremos pousando”, sou tomado por uma emoção que só o sentimento de pertencimento a um lugar é capaz de explicar. Todas as minhas memórias naquela cidade são ativadas e, rapidamente, vários lugares que eu quero visitar e encontros que eu quero ter saltam na minha mente. As pessoas da Rua João Ribeiro e o Cemitério do Gavião sempre aparecem. Daí a razão de analisar nossas memórias sob a perspectiva da Antropologia das Emoções. Le Breton (2019, p. 110), ao se referir ao nosso lócus de pertencimento, explica que “a terra é antropomorfizada e torna-se viva para a memória: reencontrá-la ou afastar-se dela remete a emoções idênticas às nutridas por um parente”. É, portanto, uma forma de afeto.

Convidei seis amigos para fazerem parte desta pesquisa: Bacana, Jean, Sandro, Iron, Tarcísio e Tiago; mas outros não podem ser esquecidos: Pelado, Bebeto, Faz-Que-Dorme, Yuri, José, Gavião, Mauá, Fifi, Alessandro, Negão, Tamaguinho, Magno, Alexandre, Paulo, dentre outros, e aqueles *in memoriam*: Rafael, Flau, Curió, Chora-no-Bingo, Fabinho e Zonô. De muitas maneiras, todas estas pessoas ajudaram a construir esta pesquisa. “O segredo da amizade marca a relação com uma identidade própria, a partir do que projetos, memórias e sentimentos comuns podem ser processualmente construídos” (Barbosa; Koury, 2017, p. 4). Na vida e na morte, nossa amizade permanece.



Imagen 2 – Amigos confraternizando na Rua João Ribeiro em frente ao muro do Cemitério do Gavião. Dezembro de 2022. Foto: Felipe Pires (2022).

Para todos verem: um grupo de sete homens adultos reunidos em uma calçada estreita ao lado de um muro alto e branco. Eles estão sentados ao redor de uma mesa de plástico branca com copos e pratos.

Todas as conversas ocorreram de modo informal e descontraído durante a minha estadia de dois meses em São Luís, entre novembro e dezembro de 2022, sobretudo em nossos momentos de lazer. A caminho dos bares, da feira ao ar livre ou do açougue na Praça da Saudade, muitos deles — e eu, à época — utilizávamos a estrada do Cemitério do Gavião como caminho. Ainda que hoje o cemitério seja apenas um lugar de passagem, sobretudo para eles, antes do nosso derradeiro fim: a morte.

Ao se referir à comunidade de afetos, Koury (2018, p. 71) aponta que ela é construída:

[...] no decorrer de uma trajetória e biografia comum, tecida em uma existência e de forte presença nas narrativas sobre ela. A memória social [...], o ordenamento mental desse sentimento a um lócus comum de trocas solidárias e a noção de uma comunidade de afetos monta um quebra-cabeça cujas peças permitem a compreensão e a visualização do formato singular do lugar e dos personagens que dele faziam parte.

Por ser um dos mais antigos da nossa turma, Jean, 47 anos, casado, pai de dois filhos e residente da Rua João Ribeiro ainda hoje, foi o primeiro a falar:

Desde pequeno, tenho muitas lembranças desse cemitério. Eu e a turma podíamos brincar à vontade nele, brincadeiras de chuta-lata, esconde-esconde, sem nenhum problema, correr atrás de pipa que a gente empinava, enfim. Quando alguém perdia uma lanceada (a pipa era cortada), a gente saía correndo por cima das sepulturas pra tentar pegar. De vez em quando um caía dentro (de um túmulo). Lembro que tinham algumas árvores, como a mangueira da 2^a pista, e tinha a amendoeira que ficava na 1^a pista, onde a gente gostava de ficar deitado em cima de uma sepultura embaixo da sombra da árvore, depois do almoço. A gente também caçava um passarinho chamado rolinha¹⁰, pra vovó fazer farofa, era bom demais. A melhor época era quando chegava final de ano, pouco antes de Finados, pois a gente ia pro cemitério pintar e lavar sepultura pra garantir as roupas de Natal e “livrav” também o do lanche, fora que a gente ainda ia no dia de Finados à noite, lá no cruzeiro (das almas), pra tirar cera das velas que queimavam o dia todo. No final da tarde a gente ficava jogando bola na rua até um pouco mais tarde, e o pior era quando tinha que decidir quem entraria no cemitério pra pegar a bola quando caía de noite. Até hoje o canto do cemitério serve de encontro para as nossas conversas até tarde no bairro (Entrevista, 2022).

A limpeza e a manutenção de sepulturas, possivelmente, foram a nossa primeira relação com o trabalho, principalmente no dia de Finados, que era quando a gente ganhava mais dinheiro. Cada um de nós tinha o próprio balde, um sabão líquido, uma esponja e uma escova de cerdas grossas, específica para a retirada de limo e das sujeiras mais difíceis. Enchíamos os baldes no tanque do cemitério e realizávamos o serviço na presença dos parentes da pessoa que estava sepultada. Cobrávamos 1 real pelo serviço. No final da década de 90, aquilo era muito dinheiro. Como a gente passava muito tempo no cemitério, quase sempre tinha um servicinho para fazer, pois as pessoas costumavam visitar seus

¹⁰ *Columbina* (nome científico).

mortos o ano todo, sobretudo em datas de aniversário, falecimento e dia dos pais e das mães.

Petruski (2006, p. 104) explica que esse modelo de cemitério era muito comum na França, pois lá, como no Cemitério do Gavião, a morte, pelo menos para nós, não estava ligada ao “[...] medo, pavor ou qualquer outra coisa relacionada, pois com muita naturalidade esse lugar era frequentado por distintas pessoas, sendo considerado o centro de vida coletiva: lugar de comércio, reuniões, passeios, encontros espirituais e temporais”. O cemitério é um lugar de múltiplas potencialidades.

Iron, 48 anos, ainda reside na João Ribeiro. Solteiro, sem filhos, foi sucinto ao relembrar suas memórias em relação ao Cemitério do Gavião:

Pode parecer estranho, mas o Cemitério do Gavião fez parte da diversão de alguns adolescentes da comunidade do bairro do Lira. A gente costumava empinar pipas e caçar pássaros com baladeiras¹¹, essas brincadeiras sempre eram repreendidas pelos vigias. Durante o dia de Finados vendíamos água, lavávamos ou pintávamos sepulturas para ganhar um trocado. É um lugar carregado de significados. Passei muito tempo ali dentro. É estranho dizer, mas sempre foi um lugar muito seguro pra gente. A gente conhecia a galera de gangue, essa turma que fumava diamba lá dentro. Era só passar e fazer o que a gente tinha que fazer, sem faltar o respeito. A gente sempre manteve essa distância. Infelizmente, alguns de nós foram por esse caminho (Entrevista, 2022).

Os vigias realmente implicavam com a gente. Havia muitos roubos de cruzes de ferro; por causa disso, todos eram suspeitos. Muitas vezes tivemos de nos esconder deles quando nossos caminhos se cruzavam dentro do cemitério. Eu não me lembrava desse aspecto, daí a importância de contrapor memórias coletivas com o intuito de resgatar o real das nossas existências, os afetos e as emoções que conformam a nossa sociabilidade. “As emoções não existem desvinculadas [...] da sensibilidade que o relacionamento com os outros enseja no seio de uma cultura [...]: não é a natureza do homem que se exprime através delas, mas a situação e a existência social do sujeito” (Le Breton, 2019, p. 149). A forma como existimos coletivamente, o modo como vivenciamos as nossas infâncias, são os dispositivos individuais das nossas memórias, que se validam nas nossas relações com os outros. As memórias de Jean e Iron são parecidas em muitos aspectos.

Sandro, 44 anos, é casado e pai de dois filhos. Há mais de 10 anos não mora mais na João Ribeiro, mas toda semana está por lá. Sobre suas memórias:

Eu brincava lá dentro apenas quando era tempo de empinar papagaio¹² ou baladeira. Geralmente eu ficava perto da amendoeira que tinha na primeira via do cemitério; alguns colegas conseguiam subir e ficavam colhendo e comendo as frutas. Na parte mais acima tinham túmulos de arquitetura gótica, que alardeavam figuras como morcegos etc. Inventavam que eram de vampiros. Tinham dois vigias: um era tranquilo, não estava nem aí; o outro era um calvo que foi apelidado de "cabeça amarela". Chamá-lo pelo apelido era pedir pra

¹¹ Estilingues (em outras regiões).

¹² Nome mais popular da pipa em São Luís do Maranhão.

correr pelo cemitério inteiro, mas ele nunca pulava pelos túmulos, tinha que se esgueirar por entre os mesmos, sem nunca conseguir pegar ninguém. Nunca peguei um papagaio que tenha caído no cemitério. O dia que consegui pegar um, dei um safanão tão forte que o quebrei. As outras crianças eram mais ágeis pra pular de túmulo em túmulo e se esgueirar no mato (Entrevista, 2022).

“O vivido no cemitério, ou seja, essas atividades desenvolvidas [...] revelam também a percepção do espaço dos seus frequentadores” (Rezende, 2000, p. 78-79). Para Sandro, assim como para os outros interlocutores da pesquisa, o Cemitério do Gavião não era um espaço estranho, onde os mortos e o macabro imperavam. Era um ambiente de amizade e lazer, de peraltices e fugas, onde os túmulos eram obstáculos entre as crianças e os vigias, entre o menino e sua pipa.

Tiago, 36 anos, casado e pai de dois filhos, ainda morador da João Ribeiro, relembrou sua infância dentro do Gavião nos seguintes termos:

Nossa infância aqui no cemitério, em frente à nossa residência, foi muito boa. Na época, entre os 11 e os 17 anos, a gente frequentava o cemitério pra brincar de papagaio, empinar pipa; foi um tempo bom, onde a gente se reunia, nosso grupo, iam pessoas adultas e adolescentes, que se juntavam e a gente ia fazer esse lazer, geralmente na parte da tarde. O pessoal ficava a tarde toda nessa resenha, e graças a Deus foi sadio, foi um tempo bom, ia eu, meu irmão, iam nossos amigos. Faz aí uns 20 anos atrás, e foi um tempo bom da nossa vida que não volta mais, né? Apesar de que nossos pais não gostavam muito de a gente frequentar esse ambiente, ambiente dos mortos, como eles descreviam. Não era uma época perigosa. Era até engraçado como tinha mais perigo na rua que lá dentro. Ali não tinha carro, todo mundo se conhecia. Um cuidava do outro. Era tranquilo. O risco era só cair numa sepultura daquela, pois algumas ficavam abertas. O máximo que aconteceu comigo foi arrebentar as canelas pulando as sepulturas pra pegar papagaio ou brincando de polícia e ladrão. Terminava, cada um ia pra sua residência e pronto, nunca sem antes tomar um banho no tanque do cemitério (Entrevista, 2022).

“O grupo [...] proporciona aos indivíduos sociais dele participantes um determinado ponto de vista sobre a realidade [...] construída. Realidade [...] das trocas sociais com os outros relacionais, com um ambiente físico [...] comum à experiência do grupo” (Koury, 2018, p. 72).

Nossas percepções com relação ao ambiente são semelhantes porque se ligam a uma rede de afetos. As experiências pelas quais passamos juntos são significativas, repletas de memórias individuais que corroboram as memórias coletivas, e vice-versa. As relações que tive com o Cemitério do Gavião se tornam reais quando inseridas na nossa malha relacional, porque são potencializadoras de lembranças (algumas já esquecidas), que se mantêm vivas em nossas mentes e corações, independentemente da nossa distância.

Mesmo quando eu estava impedido de ir brincar com meus amigos na rua ou no cemitério, por mau comportamento na escola ou dentro de casa, eu os observava da janela do meu quarto. Vê-los também era uma forma de compartilhar com eles. De lá eles

acenavam, a gente conversava, ou eu ajudava a encontrar algum amigo que estivesse se escondendo para não ser capturado.



Imagem 3 – Visão interna e visão externa da janela do meu quarto (fachada amarela clara). Foto: Felipe Pires (2022).

Para todos verem: A imagem é composta por duas fotografias coloridas, dispostas lado a lado, que mostram a vista de um cemitério urbano. Lado esquerdo: fotografia tirada de um ponto elevado, possivelmente uma janela, em primeiro plano aparecem fios de alta tensão que atravessam horizontalmente a imagem. Lado direito: fotografia com foco aproximado no interior do cemitério. Em primeiro plano, detalhes de túmulos em alvenaria branca e cinza.

“O grupo é aquele que os indivíduos estão inseridos, cuja comunidade de pensamento já foi estabelecida. As pessoas não precisam estar presentes fisicamente [...] para fazer parte dele [...]” (Martins, 2019, p. 32). Basta o resgate da memória, das práticas comuns.

Tarcísio, 35 anos, casado, pai de duas filhas, residente da João Ribeiro, também contribuiu com a pesquisa:

Aqui (no bairro) eu tive várias histórias. E, cara, aqui no Lira, pra nós que somos moradores das antigas, morar em frente ao cemitério é comum. Mas para as pessoas que chegam e sabem que a gente mora em frente ao muro do cemitério, elas ficam com medo, né? Acham que a gente olha “visagem”, fica aquela desconfiança, mas aí pra nós isso aqui é comum. Como algumas casas, como a minha e de alguns moradores, são casas de sobrado, e aí dá pra olhar da sacada o cemitério inteiro, então, tipo assim, é normal. Mas o que mais marcou, claro, foram nossas amizades que a gente levou, empinando papagaio dentro do cemitério. E a gente não tinha nem medo, né? E fora o perigo que a gente corria atrás de papagaio, no meio das sepulturas, podendo cair, Deus o livre, numa cruz — aquelas cruzes que ficavam na terra. E às vezes a pessoa podia cair e dar de barriga ou de cabeça, sei lá, e chegar a vir a óbito. Graças a Deus isso nunca aconteceu. Fora que a gente comia até fruta de lá: goiaba, mamão, que nascia, e ainda nasce, na verdade, no cemitério, então graças a Deus nunca ninguém morreu por causa disso. A gente ter vivenciado tudo isso foi massa. E uns moradores que ainda estão vivendo, como eu. Tempo bom, né?

Alguns dos nossos colegas se foram mais cedo, infelizmente morreram, entraram numa vida diferente da nossa, uma vida perigosa, né? Alguns outros colegas,

graças a Deus, estão trabalhando, uns estão bem estáveis, outros bem melhores, todos estão bem na vida, financeiramente, na família também, graças a Deus; pessoas que saíram também da rua devido ao casamento, né? Oportunidades bem melhores. Mas a maioria de nós ainda permanece na rua. O que a gente tem que levar, graças a Deus, é a rua, que ainda se estabelece como uma rua não muito perigosa. A João Ribeiro não é tão perigosa quanto as outras, mesmo com o cemitério em frente, onde poderia ter marginalidade, mas graças a Deus não tem. O cemitério do Gavião, na verdade, ficou pra nós aqui como normal. Na verdade, eu acho até melhor morar em frente ao cemitério do que morar em frente a outras casas, pois a rua é estreita, talvez teriam mais conflitos, talvez. É isso, cara. É isso que eu tenho a dizer (Entrevista, 2022).

“As emoções traduzem a ressonância afetiva [...], não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar” (Le Breton, 2019, p. 145). É por meio dessas duas formas de emoção que a afetividade vem à tona.

Bacana, 40 anos, casado, pai de duas filhas, ainda mora na João Ribeiro. Estas são suas lembranças a respeito do Cemitério do Gavião:

A história que eu tenho assim do cemitério é da época que a gente ia empinar papagaio, esperar “lanceada”. Ia às vezes à tarde também; a gente não tinha o que merendar, naquela época era mais difícil, época que nossos pais eram pobres, então a gente ia pro cemitério comer cajazinho, comer amêndoas, ingá. Aí era época boa, época do cemitério. Lembro uma vez que a gente estava esperando uma “lanceada”, época do finado Diabelito. Eu, finado Diabelito, Paulo, Alexandre Gordo e não sei quem era o outro que tava. Lá pegamos a pipa e ficamos brincando com ela dentro do cemitério. Aí finado Rafael, que já morreu, apareceu em cima do muro e disse assim: “rapaz, me dá essa pipa aí” (Rafael); “dá não, a gente te vende” (Bacana); “papai não tá em casa, papai não me deixou dinheiro pra eu lanchar” (Rafael). Diabelito falou assim: “então faz uma farofa de ovo, que a gente troca essa pipa por uma farofa de ovo e um litro d’água”. Lá ele trouxe a farofa de ovo com o litro de água e a gente trocou a pipa. É só história boa. Seu Manoel também, o vigia do cemitério, que botava a gente pra correr direto. E também quando a bola caía dentro do cemitério, a gente tinha que pular o muro, mas ficava “cabreiro”¹³ com Seu Manoel, porque ele sempre dizia que ia pegar a gente pra bater. Tem muita história. Tem uma história de João Pedro. No muro (coluna), tinha um quadradinho onde a gente ficava sentado. João Pedro empinando papagaio, aí colocou a lata de linha no chão e aí deixou o carretel dele lá embaixo. Aí ele gritou pra papai: “olha aí, Zé Luís, olha aí Zé Luís, vou cortar Zé Pedrada”. A pipa de Zé Pedrada veio pra cortar João Pedro, lá o carretel de linha de João Pedro saiu rolando. Aí João Pedro começou a gritar: “arata, Zé, arata!”, aí papai: “é o que, João Pedro?”. Aí Zé Pedrada cortou o papagaio de João Pedro, e João: “Arata de rinha, Zé Luís”. “Ah, João Pedro, agora que eu entendi” (Zé Luís). Foi embora a lata de João Pedro. Outra coisa do cemitério, Eduardo. Eduardo trabalhava nos Correios e comprou dois carretéis de linha, enrolou num pote de “chocomix” (lata de achocolatado), comprou dois papagaios da mão de Bibica, fez o cerol, fez o freio, fez o rabo bonito pra porra. Foi empinar com o filho. O primeiro papagaio ficou no fio

¹³ Termo local para desconfiado.

elétrico, enrolou, “passou bode”¹⁴, nada de tirar. O segundo ele empinou, pegou na árvore do cemitério. Esculhambou com Bibica: “Porra, Bibica, quando é pra mim, tu só faz papagaio ruim. Um pro fio, outro pra árvore” (Eduardo). Tem também uma sepultura de dois andares. Quando a gente fala de dois andares, é porque tem uma em cima da outra, uma preta. Essa sepultura, diz que quando dava 18h, ninguém podia ficar em cima dela, que o pessoal caía. O pessoal achava que era só molecagem, aí Bibica: “Isso é só mentira”. Deu 18h, Bibica em cima da sepultura, empinando papagaio. Não demorou muito, jogaram Bibica lá de cima. Bibica, vup, no chão. No momento é o que eu lembro, que dá pra contar.

A sepultura à qual Bacana se refere sempre foi evitada por nós depois do que aconteceu com Bibica. Em 2022, fui ao cemitério e não consegui mais encontrá-la. Muitas sepulturas foram reformadas e ficaram parecidas, apesar de a gente saber a região em que ela ficava. A gente nunca soube a que pessoa ela pertencia, pois não havia nenhum tipo de identificação. “Na terra cemiterial e ao redor dela se formavam pequenas sociedades, não mais fundadas somente sobre o parentesco, mas que realizavam outras formas de coesão [...]” (Lauwers, 2015, p. 348). O “desaparecimento” da sepultura não significa que o seu efeito sobre as nossas vidas tenha se dissipado.

Se pensarmos o cemitério como parte do bairro, ao analisarmos as mudanças em seu espaço, como no caso das sepulturas pintadas, Rocha e Eckert (2005, p. 161) apontam que “a cidade é concebida como um objeto temporal [que] possui a possibilidade de absorção de todas as histórias dos grupos humanos que por ali passaram tanto quanto de dissolução de seus signos culturais, os quais se tornam, aqui, objetos etnográficos [...]. Embora os signos tenham sido visualmente dissolvidos pela perda de significado para a sociedade atual, aquela sepultura ainda existe em nossas memórias, intacta em nossa pequena sociedade, embora tenha perdido o seu lugar de destaque em meio à homogeneização cemiterial.

O conceito de diáde em Simmel (1970) apresenta o significado de sociação, condicionada à existência de duas pessoas que fazem parte de um mesmo grupo ou que compartilham um segredo. Para que a diáde deixe de existir, basta o falecimento de uma das pessoas. Em termos simples, grupo e segredo deixam de fazer sentido.

Simmel (1970) apresenta, portanto, uma “Associação do Prato Quebrado”, surgida de um grupo de industriais que se reuniu para jantar em uma cidade ao norte da França. Durante a refeição, um prato caiu no chão e se quebrou em pedaços iguais ao número de pessoas que se encontravam à mesa. A partir dali, com cada pessoa em posse de um pedaço de prato, surgiu uma confraria que prometeu apoio e serviço mútuo enquanto eles existissem. Sempre que um dos membros morria, o seu pedaço do prato era enviado ao presidente da confraria. Aquele que estivesse em posse de todos os pedaços do prato tinha a missão de reuni-los e enterrá-los, dando fim à associação.

Enquanto houver pelo menos duas pessoas de nós vivas, nossas memórias, emoções e afetos estarão ligados ao Cemitério do Gavião.

¹⁴ Linha com um pedaço de pedra na ponta, utilizada pra tentar capturar pipas que ficaram presas em lugares altos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações construídas na infância, na maioria das vezes, são as mais significativas de nossas vidas. No caso dos filhos da Rua João Ribeiro, bairro Lira, emoção e afeto ocorreram em um lugar considerado inusual para grande parte das pessoas, que evitam até mesmo passar em frente ao portão sem fazer o sinal da Santíssima Trindade, a fim de afastar os agouros da morte.

No mundo cada vez mais tecnológico em que vivemos, não se vê mais crianças brincando sequer nas ruas, quanto mais dentro de um espaço como o Cemitério do Gavião. Lembro que, na década de 90, a morte de uma pessoa próxima tinha muito mais impacto na vida das pessoas, algo que não se percebe tanto nos dias atuais, sobretudo após o período da pandemia do Coronavírus. Na Rua João Ribeiro, assim como em muitos outros lugares, a morte e os mortos não têm o mesmo impacto na vida social. Além disso, os perigos têm se tornado constantes, e a alta rotatividade de pessoas que passa pelo bairro dificulta a utilização daquele espaço. Sempre que eu fui ao cemitério, flagrei algumas pessoas utilizando entorpecentes. Talvez esse seja o único perfil de gente viva que não deixou de fazer uso daquele lugar.

A ideia que eu defendo é a de um cemitério habitado pelos vivos e pelos mortos, com a existência de feiras educativas, comércio e atividades de lazer. Até recentemente, alguns historiadores costumavam promover passeios lá dentro, com visitas a túmulos de maranhenses famosos e a apreciação de artes fúnebres, que se propagam em muitas sepulturas e mausoléus, mas essa parece ser uma realidade cada vez mais distante.

As nossas vivências são significativas porque delimitam um espaço que já não existe, embora paradoxalmente ele esteja no mesmo lugar. Aquele cemitério, aparentemente, hoje é apenas um lugar estático, onde quase nada acontece, mas que antes era cheio de vida, de pessoas em pé sobre túmulos, sombreando os olhos com as mãos para enxergar na direção do sol, sempre preparadas para correr atrás de uma pipa que cai.

O Cemitério do Gavião permanece em sua totalidade em minha memória, assim como nas lembranças dos meus amigos. Sempre que eu o visito, consigo enxergar o velho tanque onde tomávamos banho, que ficava quase na direção de minha casa, e que hoje se tornou um depósito de cimento e pás. Enxergo a amendoeira frondosa, repleta de frutos, mesmo que ela esteja hoje em dia sem folhas; percebo as lagartas de fogo, as sepulturas que meus pés pisaram, sem nunca deixar de pedir licença, e as ruas e quadras onde meus parentes e amigos foram enterrados. Cada túmulo ali conta uma história de vida e de morte. É como dizem as placas à entrada do Cemitério do Gavião na Praça da Saudade: “Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos. Nós fomos o que tu és, tu serás o que nós somos!”. É nosso destino, não importa o quanto as pessoas tentem fugir.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BARBOSA, R. B.; KOURY, G. Sentidos Emocionais e Morais da Amizade: Uma Abordagem a Partir da Antropologia das Emoções. **Educere & Educere, Revista de Educação**, V. 13, Jul./Dez., 2017.
- COE, A. J. H. **Nós, Os Ossos que Aqui Estamos, Pelos Vossos Esperamos: A Higiene e o Fim dos Sepultamentos Eclesiásticos em São Luís (1828-1855)**. 2008a. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COE, A. J. H. O Discurso Médico de Transferência dos Enterramentos das Igrejas para os Cemitérios em São Luís (1820-1860). In: **XII Encontro Regional de História**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2008b.
- DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **O Tempo e a Cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos: Seguido de Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HANNERZ, U. **Explorando a Cidade: Em Busca de Uma Antropologia Urbana**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KOURY, M. G. P. **Uma Comunidade de Afetos: Etnografia Sobre Uma Rua de Um Bairro Popular na Perspectiva da Antropologia das Emoções**. Curitiba: Appris, 2018.
- LAUWERS, M. **O Nascimento do Cemitério**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- LE BRETON, D. **Antropologia das Emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o Campo é a Cidade. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: FAPESP, 1996.
- MARTINS, J. M. **Memória e Cultura Material**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- NOGUERA, R. **O Que é O Luto: Como os Mitos e as Filosofias Entendem a Morte e a Dor da Perda**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022.

MAGNANI, J. G. C. *et al.* **Etnografias Urbanas: Quando o Campo é a Cidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

MORIN, E. **O Homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PETRUSKI, M. R. A Cidade dos Mortos no Mundo dos Vivos. **Revista de História Regional**, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2006.

REZENDE, E. C. M. **Necrópole da Morte: Necrópole da Vida: Um Estudo Geográfico do Cemitério da Vila Formosa.** São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

SIMMEL, G. A Díade. In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Orgs.). **Homem e Sociedade: Leituras Básicas de Sociologia Geral.** São Paulo: Nacional, 1970.

STEIN, R. L.; STEIN, P. L. **Antropologia da Religião, Magia e Feitiçaria.** Petrópolis: Vozes, 2023.

VIANA, A. B. **Experiência da Morte como Experiência da Vida: Observadores Privilegiados da Despedida.** 2021. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021.

ZIEGLER, J. **Os Vivos e os Mortos: Uma Sociologia da morte no Ocidente e na Diáspora Africana no Brasil, e Seus Mecanismos Culturais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Recebido em 03 de agosto de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026